



L BARÓMETRO

EXECUTIVE DIGEST

APOIOS:

KPMG**novobanco**

*Confiança no
crescimento, preocupação
com a execução*

COM 82% DAS EMPRESAS A PREVEREM CRESCER EM 2027, O 50.º BARÓMETRO REVELA UM TECIDO EMPRESARIAL CONFIANTE, MAS PRUDENTE, PERANTE A INSTABILIDADE GEOPOLÍTICA, A PRESSÃO DOS CUSTOS E OS OBSTÁCULOS À EXECUÇÃO – UM DESAFIO QUE SE COLOCA ÀS EMPRESAS E AO ESTADO



As empresas portuguesas mantêm a confiança no crescimento, mas não perdem de vista os riscos que marcam o actual contexto económico. Nos primeiros nove me-

ses de 2026, 72% aumentaram o volume de negócios e, pela primeira vez, o Barómetro mede as expectativas para 2027: 82% prevêem crescer e 62% planeiam aumentar o investimento. A Inteligência Artificial (IA), a digitalização e a eficiência operacional estão no topo da agenda empresarial. Do Estado, os gestores querem menos burocracia e maior capacidade de execução. A questão, para empresas e Estado, é agora passar das intenções aos resultados.

CRESCIMENTO E INVESTIMENTO

Nos primeiros nove meses de 2026, 72% das empresas aumentaram o volume de negócios face ao mesmo período de 2025,

VITOR RIBEIRINHO

Estamos a aproximar-nos do final de 2026, mas a confiança das empresas portuguesas mantém-se constante e em linha com o registado ao longo do ano, com 79% dos inquiridos a esperar crescer face a 2025. Esta confiança vem, precisamente, dos resultados concretos que alcançaram nos últimos nove meses: 72% aumentaram o volume de negócios. É o momento de olhar também para 2027 e aí as perspectivas mantêm-se positivas: 82% das empresas prevêem aumentar o volume de negócios e 62% reforçar o investimento. A digitalização e a inteligência artificial, a par da produtividade e eficiência operacional surgem como principais prioridades, uma aposta que é sustentada por uma das conclusões que divulgámos no estudo Transforming the Enterprise da KPMG, onde revelámos que 48% das organizações já registaram ganhos de produtividade associados à inteligência artificial. O optimismo que temos estado a assistir não ignora, no entanto, a complexidade do contexto internacional. As tensões geopolíticas e comerciais são identificadas como o principal risco externo em 2027, seguindo-se a inflação. O Orçamento do Estado, cuja proposta foi, entretanto, apresentada, foi também um dos temas desta edição do barómetro, com a maioria das empresas a considerarem fundamental a simplificação administrativa e a redução da burocracia. Em síntese, os resultados desta edição mostram uma predisposição das empresas para continuar a inovar e investir, apesar das incertezas no contexto internacional. Importa agora que estejam criadas as condições para que essa intenção possa concretizar-se e que as empresas possam concentrar-se naquilo que é central: gerar crescimento, emprego e aumentar a competitividade.



SENIOR PARTNER/CEO
KPMG PORTUGAL

embora 31% tenham registado crescimentos até 5%. Apenas 4% indicaram uma redução. Para o fecho de 2026, 79% antecipam crescimento e, para 2027, essa expectativa sobe para 82%.

O investimento acompanha esta trajectória. Até Setembro, 51% das empresas indicam ter aumentado o investimento e, para 2027, 62% prevêem reforçá-lo, sem qualquer intenção de redução. Há confiança na evolução da economia portuguesa em 2027: 46% dos gestores atribuem-lhe uma classifica-

ção entre 7 e 10 (numa escala de 1 a 10), contra 41% que se situam entre 5 e 6. Ainda assim, a incerteza política e orçamental condiciona moderadamente os planos de investimento de 45% das empresas e bastante ou fortemente os de 21%.

CUSTOS E RISCOS

Os custos salariais têm sido a principal pressão sobre as empresas em 2026, apontados por 86% dos gestores, seguidos da energia e combustíveis (48%) e dos

ID: 125715117

01-10-2026

LUÍS RIBEIRO



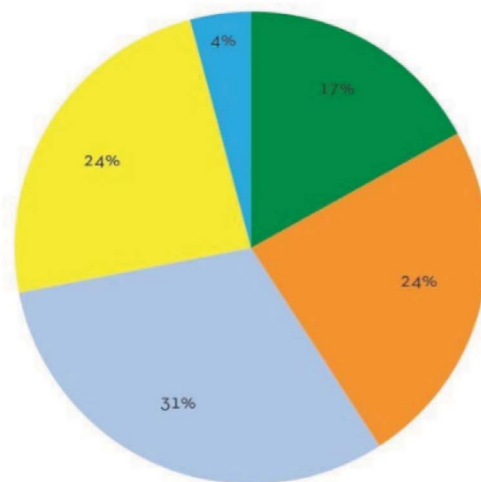
Os resultados do barómetro reflectem a ideia de que a economia portuguesa mantém um quadro de expansão da actividade acima da média europeia, que motivou já revisões em alta das estimativas de crescimento do PIB de 2026, para 2,1% a 2,3%. Para 2027, é esperado um crescimento próximo de 1,8%. Mas o barómetro ilustra também as condicionantes e os riscos gerados pelo actual contexto geopolítico, incluindo custos energéticos e salariais elevados e constrangimentos nas cadeias de abastecimento. O quadro global de crescimento inflacionista tem pressionado a subida das taxas directoras dos principais bancos centrais, bem como o aumento expressivo dos

juros da dívida pública. A continuação deste movimento deverá levar o mercado a pressionar especialmente as economias com maiores vulnerabilidades orçamentais. Neste contexto, é fundamental que a economia portuguesa continue a beneficiar de uma percepção externa favorável, ancorada em contas públicas e externas equilibradas e num ambiente de estabilidade ou previsibilidade política. Disto depende a manutenção de condições de financiamento favoráveis para o Estado, para as empresas e para as famílias e, em última análise, a manutenção de condições para o crescimento. Portugal tem estado fora do "radar" das preocupações dos mercados e é importante que assim se mantenha. Assegurada esta condição, as políticas públicas devem focar-se na atracção do investimento e no aumento e sustentabilidade do crescimento económico. O barómetro privilegia aspectos relevantes como a redução da burocracia, a simplificação administrativa e o melhor funcionamento da justiça. Mas, talvez mais importante – e normalmente desvalorizada – é a capacidade de gestão e execução. De facto, quer no topo, quer em níveis intermédios, a falta de capacidade de gestão e execução é, em muitos casos, o principal obstáculo à obtenção de resultados mais favoráveis nas políticas públicas. Uma nota para o facto de, no barómetro, a habitação aparecer apenas em sexto lugar nas prioridades de reformas para 2027. Como referiu o governador do Banco de Portugal, nem as administrações públicas nem os privados parecem ver com a urgência adequada a necessidade de uma resposta mais eficaz ao problema da escassez de habitação. Para além dos impactos sociais, a demora na resposta a este problema acentua o problema de escassez de mão-de-obra, ao incentivar a saída do país de trabalhadores – sobretudo (mas não só) de jovens qualificados – restringindo o crescimento potencial da economia.

ADMINISTRADOR
NOVOBANCO

1

Como evoluiu o volume de negócios da sua empresa/grupo/instituição nos primeiros nove meses de 2026 face ao mesmo período de 2025?



- Aumentou mais de 10%
- Aumentou entre 5% e 10%
- Aumentou até 5%
- Manteve-se
- Diminuiu até 5%
- Diminuiu entre 5% e 10%
- Diminuiu mais de 10%
- Não sabe/não responde

componentes tecnológicos (34%). Para 2027, 87% antecipam novos aumentos dos custos de produção, com 79% a prever subidas até 10%.

No exterior, a geopolítica domina as preocupações: foi o principal factor condicionante da actividade em 2026, para 59% dos inquiridos, e é apontada por 72% como o maior risco para 2027. Seguem-se a inflação (45%) e a incerteza política e orçamental (41%). Os juros e a fiscalidade surgem bastante abaixo na lista de preocupações dos gestores.

PRIORIDADES E REFORMAS

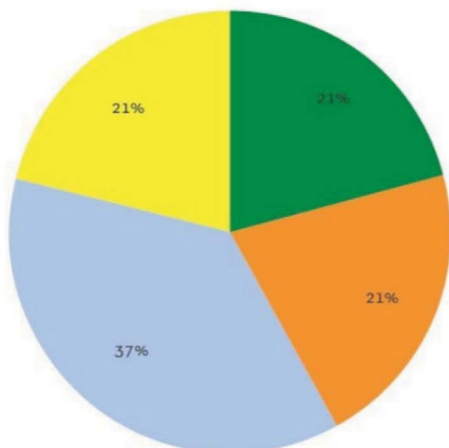
Para 2027, digitalização e IA, por um lado, e produtividade e eficiência operacional, por outro, partilham a liderança

ID: 125715117

01-10-2026

2

Considerando a evolução registada até ao final do terceiro trimestre, como espera que a sua empresa/grupo/instituição encerre 2026 face a 2025?

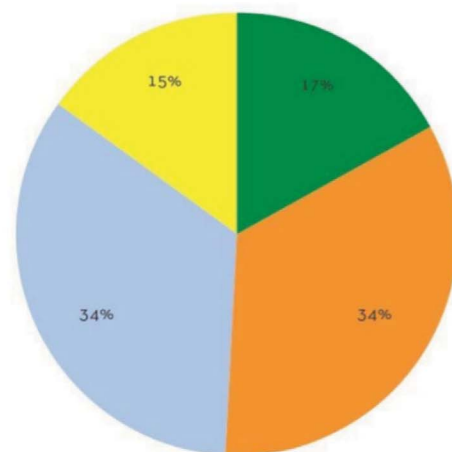


- Crescimento superior a 10%
- Crescimento entre 5% e 10%
- Crescimento até 5%
- Manutenção
- Redução até 5%
- Redução entre 5% e 10%
- Redução superior a 10%
- Não sabe/não responde

COM 82% DAS EMPRESAS A PREVEREM CRESCER EM 2027, EXECUTAR É O DESAFIO. GEOPOLÍTICA, CUSTOS E BUROCRACIA PREOCUPAM OS GESTORES; IA, DIGITALIZAÇÃO E EFICIÊNCIA LIDERAM AS PRIORIDADES CENTRAIS

3

Como compara o investimento realizado pela sua empresa/grupo/instituição em 2026 com o realizado em 2025?



- Aumentou mais de 10%
- Aumentou entre 5% e 10%
- Manteve-se
- Diminuiu até 10%
- Diminuiu mais de 10%
- Não sabe/não responde

VASCO ANTUNES PEREIRA



O 50.º Barómetro da Executive Digest revela um tecido empresarial confiante, mas consciente dos desafios. É particularmente relevante que 82% das empresas antecipem um aumento do volume de negócios em 2027 e que 62% prevejam reforçar o investimento, num momento em que as tensões geopolíticas e comerciais são identificadas por 72% dos inquiridos como um dos principais riscos externos. O contraste mais relevante está na distância entre a ambição e as condições para a concretizar. Não surpreende, por isso, que 76% das empresas apontam a simplificação administrativa e a redução da burocracia como uma das prioridades para o Orçamento do Estado, enquanto a desburocratização surge como a reforma mais necessária. A mensagem é clara: as empresas querem continuar a investir e a crescer, mas precisam de condições para executar com eficiência e previsibilidade. Na saúde, esta realidade assume uma importância particular. Investir em pessoas, capacidade e tecnologia é essencial para acompanhar a evolução das necessidades e melhorar a resposta às pessoas. É igualmente importante garantir condições para que esse investimento

se traduza em eficiência, inovação e capacidade de resposta. Um país que quer crescer precisa de um sistema de saúde capaz de acompanhar esse crescimento.

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E CEO
GRUPO LUSÍADAS SAÚDE

ID: 125715117

01-10-2026

NASSRIN MAJID



Há uma leitura neste barómetro que me parece particularmente relevante: as empresas portuguesas aprenderam a avançar sem esperar que a incerteza desapareça. O facto de 82% anteciparem crescimento do negócio em 2027 e 62% preverem aumentar o investimento mostra um tecido empresarial que continua disponível para arriscar e evoluir, apesar de um contexto exigente.

É também significativo que a digitalização e a inteligência artificial e a produtividade e eficiência operacional surjam lado a lado como principais prioridades estratégicas. Isto mostra que o desafio já não está apenas em crescer, mas em reforçar a capacidade de decisão, melhorar a utilização dos recursos e garantir que o investimento está alinhado com aquilo que realmente cria valor. Podemos ter organizações mais rápidas, tecnológicas e produtivas e, ainda assim, tomar decisões que o mercado já não valoriza. Num contexto em que 72% identificam as tensões geopolíticas e comerciais entre os principais riscos, a capacidade de leitura e adaptação torna-se ainda mais crítica. Mas os desafios à competitividade não vêm apenas de fora. Enquanto empresa portuguesa, sentimos também o impacto de um contexto interno que continua a retirar velocidade à gestão e à capacidade de execução. Quando 76% colocam a simplificação administrativa e a redução da burocracia entre as prioridades, o tema deixa de ser apenas administrativo e passa a ser económico e competitivo. A complexidade tem um custo, atrasa a execução, consome recursos e condiciona a velocidade com que as empresas conseguem investir, inovar e responder ao mercado. Para mim, este barómetro deixa uma ideia clara de que as empresas portuguesas querem crescer e estão realmente disponíveis para investir. O desafio é criar condições para que passem menos tempo a contornar obstáculos e mais tempo a construir futuro. Porque uma economia competitiva não pode obrigar as empresas a viver permanentemente em modo de reacção.

GENERAL MANAGER

ESCOLHA DO CONSUMIDOR

das prioridades estratégicas, com 35% cada. A expansão de mercado surge depois, com 21%.

A agenda dirigida ao Estado é igualmente clara. A simplificação administrativa e a redução da burocracia são a principal prioridade para o Orçamento do Estado de 2027, com 76% das respostas, seguidas da redução da carga fiscal sobre as empresas (55%). A desburocratização é também a reforma mais desejada, com 62%, à frente

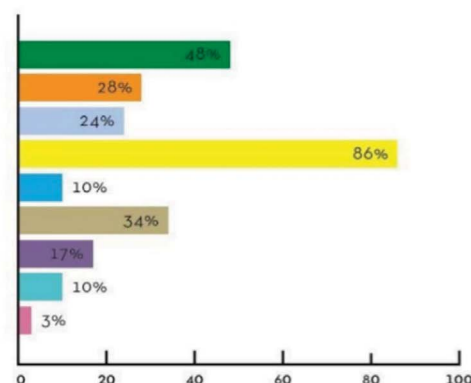
do crescimento e competitividade económica (45%) e da Justiça (38%).

O DESAFIO DA EXECUÇÃO

É na execução que convergem os principais resultados do Barómetro. Nas empresas, a aposta em IA, digitalização, produtividade e eficiência exige capacidade para transformar investimento em resultados concretos.

No Estado, o diagnóstico é igualmente claro: o excesso de burocracia e

Quais foram os três factores de custo que mais pressionaram a sua actividade em 2026?



- Energia e combustíveis
- Matérias-primas
- Logística e transportes
- Custos salariais
- Seguros e custos financeiros
- Componentes tecnológicos
- Fiscalidade
- Outros custos de contexto
- Não sabe/não responde
- Outro (Qual?) Instabilidade geopolítica

procedimentos é apontado por 66% dos inquiridos como o principal obstáculo à execução eficaz de medidas, programas e políticas públicas, seguido da lentidão da Administração Pública (45%) e da falta de capacidade de gestão e execução (38%). A falta de coordenação, monitorização e responsabilização pelos resultados é referida por 21%.

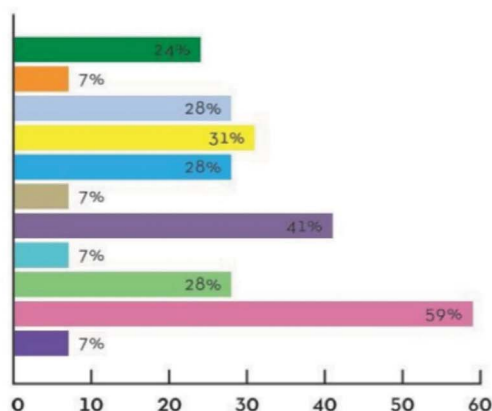
O 50.º Barómetro traça, assim, um cenário de crescimento e investimento, mas também de maior exigência na capacidade de transformar estratégias e prioridades em resultados. É precisamente esta questão – a Execução – que estará no centro da XXXI Conferência Executive Digest, que regressa à Culturgest a 24 de Novembro de 2026. ●

ID: 125715117

01-10-2026

5

Quais foram os principais factores que condicionaram a actividade da sua empresa/grupo/instituição em 2026?



- Custos de energia e matérias-primas
 - Fiscalidade
 - Falta de mão-de-obra/talento
 - Custos salariais
 - Procura interna
 - Procura externa/exportações
 - Incerteza política e económica
 - Taxas de juro/custos de financiamento
 - Burocracia e regulação
 - Contexto geolítico internacional
 - Não sabe/não responde
 - Outro (Qual?)
- Aeroporto de Lisboa
Capacidade de entrega

CARLA REBELO



Para 2027, as prioridades das maiores empresas em Portugal são claras: a digitalização (35%) e a produtividade (35%), segundo o 50.º Barómetro Executive Digest. Contudo, nos resultados há um “detalhe” que sobressai e inquieta: apenas 3% colocam a atracção e a retenção de talento no topo da agenda. Este é um paradoxo perigoso. A tecnologia não gera valor no vazio; são as pessoas que transformam ferramentas digitais em impacto real e sustentável. No Randstad Workmonitor 2026, 70% dos empregadores nacionais reconhecem que a inteligência artificial aumentou a produtividade, mas há um

fosso que não podemos ignorar: 65% dos líderes estimam um forte impacto da inteligência artificial nas tarefas, face a 48% dos trabalhadores. Pior: metade destes sente que a automação serve o negócio, mas não quem nele trabalha. A verdade é que, enquanto 63% das empresas investem em tecnologia, 65% dos trabalhadores pedem um maior investimento no seu próprio desenvolvimento humano e digital. Cuidar do talento ganhou complexidade, mas não perdeu urgência. O desafio das empresas passa por capacitar a liderança intermédia como âncora humana, apostar no upskilling e abraçar a força viva de cinco gerações que trabalham lado a lado. Afinal, 100% dos líderes inquiridos pela Randstad confirmam que diversidade geracional é sinónimo de produtividade. Os algoritmos aceleram processos e optimizam métricas, é certo, mas inovar sem alma afasta o talento e sai caro ao negócio.

CEO

RANDSTAD PORTUGAL

JOÃO PINTO

Os resultados revelam um claro alinhamento das prioridades estratégicas das organizações para 2027: aumentar a produtividade e acelerar a digitalização. Não é surpreendente. Depois de um ano marcado pela forte pressão dos custos, em especial salariais, energéticos e tecnológicos, as empresas procuram reforçar a eficiência e criar condições para sustentar o crescimento. Contudo, os dados mostram um contraste relevante. Enquanto as prioridades estratégicas estão focadas na transformação interna, os principais riscos identificados para 2027 têm origem no contexto externo. Tensões geopolíticas e comerciais, inflação e incerteza política continuam a condicionar a capacidade de planeamento e execução das organizações. Neste enquadramento, a competitividade dependerá menos da adopção isolada de tecnologia e mais da capacidade de a colocar ao serviço de melhores decisões. A produtividade continuará a ser um objectivo essencial, mas o factor diferenciador será a forma como as organizações combinam inovação, adaptabilidade e discernimento para responder a um ambiente cada vez mais volátil. Num contexto de crescente automação, serão as competências mais distintivamente humanas, como o discernimento, a colaboração e a capacidade de decisão, a determinar quais as organizações que conseguem transformar desafios em oportunidades. O verdadeiro desafio passa por transformar incerteza em capacidade de acção.



DEAN

CATÓLICA PORTO SCHOOL OF BUSINESS AND ECONOMICS

ID: 125715117

01-10-2026

GONÇALO REBELO ALMEIDA



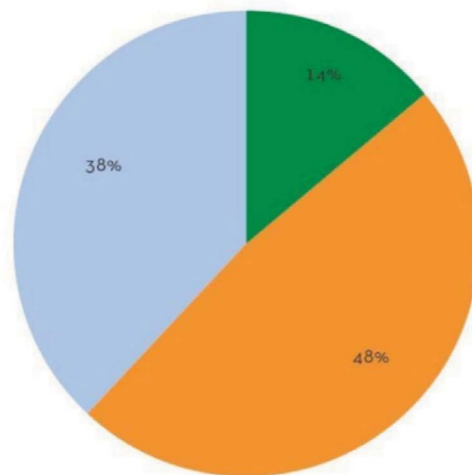
O 50.º Barómetro deixa uma leitura interessante: o ambiente empresarial está mais positivo, mas os principais constrangimentos continuam a ser identificados fora das empresas. Há mais confiança, mais intenção de investir e expectativas mais favoráveis para a actividade, ao mesmo tempo que persiste uma percepção crítica sobre o enquadramento público em que essa ambição tem de se concretizar. Cerca de 79% das empresas esperam fechar 2026 acima de 2025, 82% antecipam novo crescimento do volume de negócios em 2027 e 62% prevêem aumentar o investimento. Também a confiança na

economia melhora: no barómetro anterior, apenas 15% dos gestores revelavam níveis elevados ou muito elevados de confiança; agora, essa proporção sobe para 46%. O contraste é claro. As empresas mostram disponibilidade para crescer, investir e ganhar produtividade, mas apontam obstáculos ligados ao funcionamento do Estado. A simplificação administrativa e a redução da burocracia lideram as prioridades para o 2027, enquanto o excesso de procedimentos, a lentidão da Administração Pública e o excesso de regulamentaco surgem entre os maiores entraves. O sinal  simples: a confiança empresarial existe; o desafio é garantir que o contexto não a trava nem a condiciona.

CEO

GRUPO VILA GAL

6
Quais os planos de investimento da sua empresa/grupo/instituição para 2027?



- Forte aumento (>10%)
- Aumento (5-10%)
- Manutenção
- Redução (até 10%)
- Forte redução (>10%)
- Não sabe/não responde

MANUEL LOPES DA COSTA

O 50.º Barmetro da Executive Digest mostra empresários dispostos a crescer: 82% esperam aumentar o volume de negócios em 2027 e 62% planeiam reforçar o investimento. Mas há um contraste que importa sublinhar. Para 76%, a simplificação administrativa deve ser uma prioridade do Orçamento do Estado; quando se pergunta o que impede a execução eficaz das políticas públicas, 66% apontam a burocracia, 45% a lentidão da Administração e 38% a falta de capacidade de gestão e execução. O problema não é, portanto, apenas decidir reformas.  conseguir concretizá-las. Acrescentar procedimentos, plataformas ou diplomas a processos que continuam fragmentados não é simplificar. Precisamos de rever os processos de ponta a ponta, eliminar exigências redundantes, partilhar dados entre organismos e atribuir a cada medida responsáveis, prazos e indicadores públicos de resultado. A digitalização e a inteligência artificial podem acelerar esta mudança, mas só se forem acompanhadas por decisões de gestão e responsabilização. A ambição das empresas está expressa nos planos de investimento. Cabe ao Estado criar condições para que essa ambição se traduza em produtividade e crescimento.

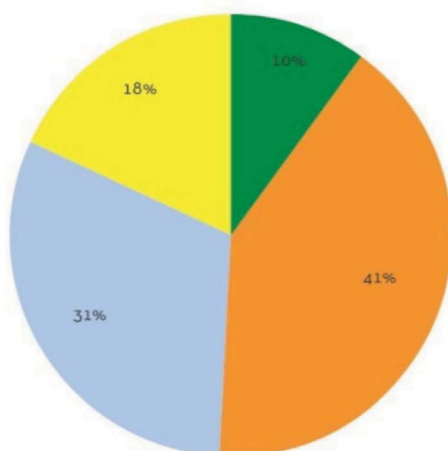
SENIOR ADVISOR
BOYDEN

ID: 125715117

01-10-2026

7

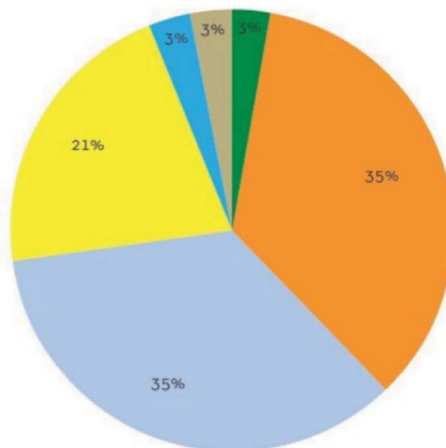
Que expectativas tem para o volume de negócios da sua empresa/grupo/instituição em 2027?



- Aumento superior a 10%
- Aumento entre 5% e 10%
- Aumento até 5%
- Manutenção
- Redução até 5%
- Redução entre 5% e 10%
- Redução superior a 10%
- Não sabe/não responde

8

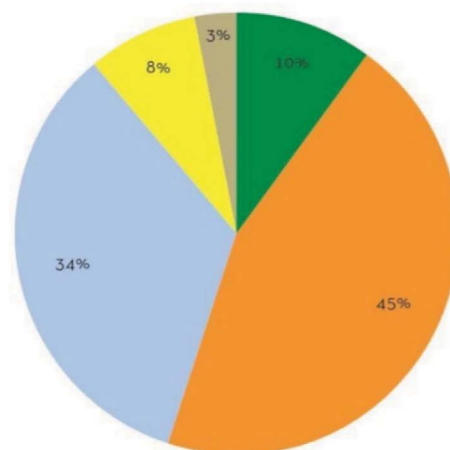
Considerando os desafios actuais, qual será a principal prioridade estratégica da sua empresa/grupo/instituição em 2027?



- Retenção e atracção de talento
- Digitalização e inteligência artificial
- Produtividade e eficiência operacional
- Expansão de mercado e crescimento
- Internacionalização
- Sustentabilidade e transição energética
- Não sabe/não responde
- Outro (Qual?)

9

Em 2027, qual será o impacto esperado da evolução dos preços da energia, combustíveis, matérias-primas e outros custos de produção na actividade da sua empresa/grupo/instituição?



- Impacto reduzido ou inexistente
- Aumento dos custos até 5%
- Aumento entre 5% e 10%
- Aumento entre 10% e 20%
- Aumento superior a 20%
- Não sabe/não responde

SÍLVIA BARATA



Os resultados deste barómetro confirmam uma preocupação transversal do tecido empresarial português: a energia continua a ser um dos factores mais determinantes para a rentabilidade, competitividade e sustentabilidade das empresas. Quando mais de 85% dos inquiridos antecipam aumentos dos custos energéticos e de produção, fica evidente o impacto que estes poderão ter na capacidade de investir, criar emprego e competir nos mercados internacionais. Num contexto económico global cada vez mais exigente, o custo da energia não é apenas uma variável operacional; é um factor estratégico de competitividade. Sectores industriais, logísticos, transportes e serviços dependem de preços de energia estáveis e previsíveis para planear o futuro com confiança. Por essa razão, é fundamental que os governos continuem a adoptar medidas que protejam empresas e consumidores em períodos de elevada volatilidade, como o que actualmente vivemos, assegurando simultaneamente condições que permitam preservar a atractividade de Portugal para o investimento. O desafio passa por conciliar a transição energética com a competitividade económica, criando um enquadramento regulatório e fiscal estável que estimule a inovação, a eficiência e o crescimento sustentável. Portugal tem uma oportunidade única para se afirmar como um país competitivo na Europa e no mundo, mas isso exige políticas energéticas que garantam segurança de abastecimento, custos equilibrados e previsibilidade para quem investe e cria valor. Neste momento são precisos mais apoios que garantam a sobrevivência de muitas empresas em Portugal.

HEAD OF COUNTRY | VICE PRESIDENT
BP PORTUGAL | MOBILITY AND CONVENIENCE IBERIA

ID: 125715117

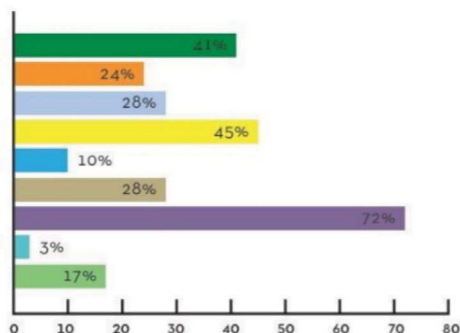
01-10-2026

L BARÓMETRO

EXECUTIVE DIGEST

10

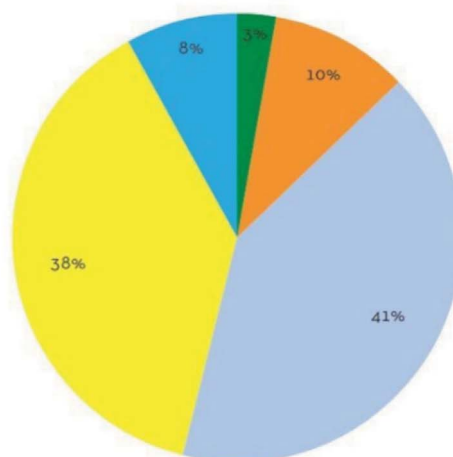
Quais são os principais riscos externos para a actividade da sua empresa/grupo/instituição em 2027?



Incerteza política e orçamental
 Evolução da procura/mercados
 Custos de energia e matérias-primas
 Inflação
 Taxas de juro e custos de financiamento
 Escassez de talento
 Tensões geopolíticas e comerciais
 Fiscalidade e custos de contexto
 Regulamentação europeia
 Não sabe/não responde
 Outro (Qual?)

11

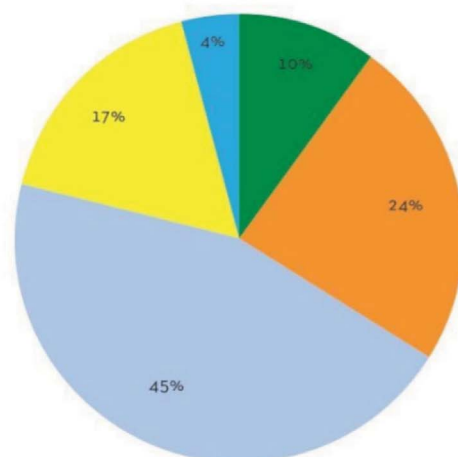
Numa escala de 0 a 10, qual o seu nível de confiança na evolução da economia portuguesa em 2027?



0-2
 3-4
 5-6
 7-8
 9-10
 Não sabe/não responde

12

Em que medida a actual incerteza política e orçamental condiciona os planos de investimento da sua empresa/grupo/instituição para 2027?



Não condiciona
 Condiciona pouco
 Condiciona moderadamente
 Condiciona bastante
 Condiciona fortemente
 Não sabe/não responde

TERESA BRANTUAS



A estratégia de aumento de volume de negócio da Allianz para 2027 assenta numa combinação equilibrada entre crescimento inorgânico e orgânico. Por um lado, o investimento e incorporação da Caravela (ainda pendente de aprovação) permitirá incorporar novas competências, reforçar capacidades digitais e aceder a canais alternativos de distribuição, gerando sinergias que potenciarão a criação de valor e o crescimento orgânico nos anos seguintes. Por outro lado, existe ainda um elevado potencial por capturar através da parceria com o canal bancário, acelerando a concretização do seu "full potential" e aumentando a penetração de soluções de seguros junto dos clientes. Continuaremos a apostar no canal agencial com um projecto dedicado ao aumento de produtividade com recurso a novas tecnologias. Paralelamente, a aposta contínua na produtividade e eficiência operacional será determinante para reforçar a "affordability" das soluções, tornando os seguros mais acessíveis a um número crescente de clientes. Neste contexto, a inteligência artificial e a evolução tecnológica assumirão um papel cada vez mais relevante, impulsionando a produtividade, melhorando a experiência do

cliente, reforçando a oferta e permitindo escalar o negócio de forma mais eficiente. Em conjunto, estes factores criam bases sólidas para um crescimento sustentável.

CEO

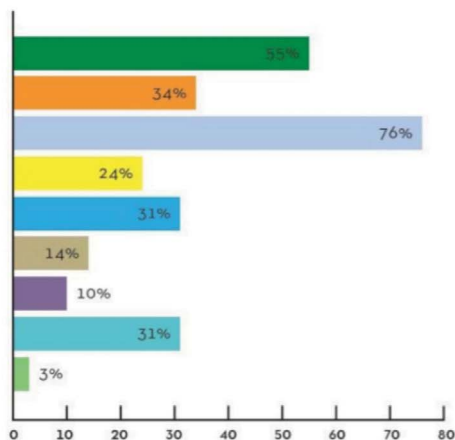
ALLIANZ PORTUGAL

ID: 125715117

01-10-2026

13

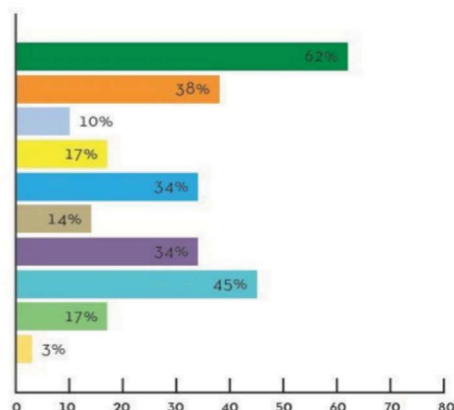
Quais deveriam ser as três principais prioridades do Orçamento do Estado para 2027 para reforçar a competitividade das empresas?



- Redução da carga fiscal sobre as empresas
- Redução da carga fiscal sobre o trabalho
- Simplificação administrativa e redução da burocracia
- Incentivos ao investimento, inovação e digitalização
- Qualificação, atracção e retenção de talento
- Redução dos custos de contexto
- Investimento público em infra-estruturas estratégicas
- Estabilidade fiscal e previsibilidade
- Não sabe/não responde
- Outro (Qual?)

14

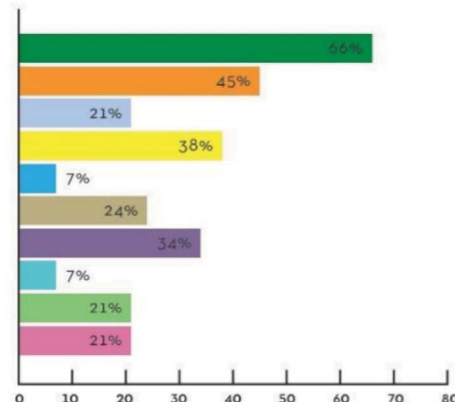
Em que áreas deve o Governo concentrar as suas principais reformas em 2027?



- Desburocratização e simplificação administrativa
- Justiça
- Saúde
- Habitação
- Reforma da administração pública
- Educação e qualificação
- Reforma laboral
- Crescimento e competitividade económica
- Digitalização e inteligência artificial
- Segurança Social
- Não sabe/não responde
- Outro (Qual?)

15

Na sua opinião, qual é actualmente o principal obstáculo à execução eficaz de medidas, programas e políticas públicas em Portugal?



- Burocracia e excesso de procedimentos
- Lentidão da Administração Pública
- Falta de coordenação entre organismos públicos
- Falta de capacidade de gestão e execução
- Falta de recursos humanos especializados
- Instabilidade política e alteração de prioridades
- Excesso de regulamentação
- Complexidade dos processos de contratação pública
- Falta de monitorização e avaliação de resultados
- Falta de responsabilização pelos resultados
- Não sabe/não responde
- Outro (Qual?)

ALEXANDRA VARASSIN

Os resultados do barómetro mostram ambição: 82% das empresas antecipam crescer em 2027, com digitalização e inteligência artificial e produtividade e eficiência a liderarem as prioridades. Acredito que há espaço para crescer em Portugal, mas olhando para a frente, não repetindo as fórmulas do passado. No Publicis Groupe Portugal, temos mantido um crescimento de duplo dígito, acima do ritmo do mercado. Esse percurso reforça a nossa convicção: cruzar dados, tecnologia e criatividade permite desenvolver soluções de valor acrescentado para clientes e parceiros, e repensar o ecossistema da publicidade e dos media. A oportunidade não está apenas em disputar o mercado existente, mas em criar novas fontes de crescimento. Num contexto macroeconómico exigente, acredito que esta é a fórmula para ganhar competitividade. A inteligência artificial deve ir além da eficiência: libertar tempo para pensar melhor, experimentar e inovar. É também assim que podemos atrair e reter talento, criando espaço para desenvolver novas competências e fazer trabalho de maior valor. O desafio não é escolher entre tecnologia e talento, mas combinar ambos para transformar inovação em resultados. Portugal tem espaço para crescer. Cabe-nos fazê-lo acontecer, com visão, ambição e capacidade de execução.



CEO
PUBLICIS GROUPE PORTUGAL

ANA ISABEL TRIGO MORAIS



Os resultados deste barómetro mostram um tecido empresarial que olha para 2027 com confiança: 62% das empresas prevêem aumentar o investimento e 82% antecipam crescimento do volume de negócios. Mas estes sinais positivos coexistem com prioridades que merecem reflexão. A digitalização e a inteligência artificial, a par da produtividade e da eficiência operacional, surgem destacadas como prioridades estratégicas, enquanto a sustentabilidade e a transição energética são referidas por apenas 3% dos inquiridos. Este resultado pode ter uma primeira leitura como perda de relevância da sustentabilidade. Acredito que, no entanto, reflecte uma tendência crescente para integrar esta dimensão nos objectivos de eficiência, inovação e competitividade das empresas. Na Sociedade Ponto Verde sabemos que economia circular, eficiência e competitividade estão profundamente ligadas: usar melhor os recursos, reduzir desperdícios, aumentar a incorporação de matérias-primas secundárias e reciclar mais são também formas de aumentar a produtividade e reduzir dependências. Num contexto em que as empresas querem investir mais, o desafio está em criar condições

para transformar essa ambição em resultados. A simplificação administrativa e a redução da burocracia, apontadas por 76% dos inquiridos como prioridade para reforçar a competitividade, são parte dessa resposta. O crescimento sustentável das empresas dependerá cada vez mais da capacidade de integrar circularidade, eficiência e inovação numa mesma visão estratégica de criação de valor e de competitividade.

CEO

SOCIEDADE PONTO VERDE

FERNANDO RODRIGUES

Os resultados deste barómetro revelam um tecido empresarial ágil e robusto, capaz de continuar a inovar, investir e a crescer, mesmo num contexto marcado por grande incerteza. Apesar dos desafios geopolíticos e económicos, as empresas portuguesas demonstram confiança na sua capacidade de adaptação e na identificação de novas oportunidades de desenvolvimento. Um dos sinais mais relevantes é o peso crescente da produtividade, da digitalização e da inteligência artificial nas prioridades estratégicas. Mais do que acompanhar tendências tecnológicas, trata-se de preparar o futuro e reforçar a competitividade. Esta dependerá cada vez mais da forma como conseguimos transformar a inovação em valor, reforçando simultaneamente a eficiência, a qualidade e a capacidade de resposta aos desafios do mercado. Acredito que os próximos anos serão marcados por uma aceleração das transições digital e energética. Ambas as dimensões representam desafios importantes, e também oportunidades para criar valor de forma mais sustentável e duradoura. O sucesso dependerá da nossa capacidade de combinar talento, tecnologia e responsabilidade, colocando a inovação ao serviço das pessoas, das empresas e da sociedade. Num contexto de mudança permanente, essa sim uma certeza, a capacidade de adaptação, a visão de longo prazo e a qualidade da execução continuarão a distinguir e a premiar as organizações melhor preparadas para o futuro.



MANAGING DIRECTOR

VINCI ENERGIES PORTUGAL

ID: 125715117

01-10-2026

PAINEL

Adrian Bridge, Taylor's Port	Dulce Mota, Montepio	José Ramos, Salvador Caetano	Pedro Baltazar, Nova Expressão
Alberto Ramos, Bankinter	Eduardo Cabrita, MSC Cruzeiros	José Theotónio, Pestana Hotels & Resorts	Pedro Brito, Nova SBE
Alberto Rui, IPG Mediabrands	Emanuel Proença, Prio Energy	José Veríssimo, ISEG	Pedro Carvalho, Tranquilidade
Alexandra Andrade, Adecco Portugal	Erik Lassche, Fullsix	Licínio Pina, Crédito Agrícola	Pedro Castro e Almeida, Santander
Alexandra Varassin, Publicis Groupe Portugal	Eunice Silva, Vale da Rosa	Luís Anula, Mapfre	Pedro Costa Ferreira, APAVT
Alexandre Fernandes, Klarna	Fernanda Marantes, Havas	Luís Castro Henriques, Portugal Global	Pedro Gonzalez, VMLY&R
Álvaro Covões, Everything Is New	Fernando Esmeraldo, Status Capital	Luís Filipe Reis, Sonae SGPS	Pedro Janela, Wygroup
Álvaro Nascimento, Inquest	Fernando Neves de Almeida, Boyden	Luís Lopes, Vodafone	Pedro Oliveira, Nova SBE
Amândio da Fonseca, EGOR	Fernando Oliveira, Mundicenter	Luís Martins, Turismo Porto e Norte	Pedro Rebelo de Sousa, SRS Advogados
Ana Figueiredo, Altice	Fernando Rodrigues, VINCI Energies Portugal	Luís Mergulhão, Omnicom Media Group	Pedro Ribeiro, Dom Pedro Hotéis
Ana Passos, Universidade Europeia	Fernando Silva Maia, Amorim Turismo	Luís Miguel Salas, FLIMA	Pedro Santa Clara, Shaken
Ana Salomé Martins, Symington	Fernando Silva, Siemens	Luís Paulo Salvado, Novabase	Pedro Tavares, Onstrategy
Family Estates	Filipa Martins, Edenred	Luís Ribeiro, novobanco	Pedro Teixeira, Continental Pneus
Ana Trigo Morais, Sociedade Ponto Verde	Filipe Santos, Católica Lisbon	Luís Sítima, Odgers Berndtson	Rebeca Venancio, Microsoft
André Freire de Andrade, Dentsu	Francisco Pedro Balsemão, Impresa	Luísa Pestana, Vodafone	Ricardo Lopes, ISEG Executive Education
André Rinnensland, Makro	Francisco Pita, ANA Aeroportos	Madalena Gusmão, Caudalie	Ricardo Lopes, Renault
António Casanova, Unilever	Francisco Sá da Bandeira, Pondera	Manuel Di Pietro, Taste	Ricardo Valadares, Millennium BCP
António Castanho, CA Seguros	Francisco Teixeira, Grupo M	Manuel Lopes da Costa, Boyden	Ricardo Vieira, VW/Siva
António Chaves Costa, Tecnifar	Francisco Teixeira, Royal Caribbean	Manuel Tarre, Gelpeixe	Rita Lago da Silva, AESE
António Correia, PwC	Gilda Parreira, Pierre-Fabre	Manuela Tavares de Sousa, Imperial	Rita Nabeiro, Adega Mayor
António Cunha Vaz, Cunha Vaz & Associados	Gonçalo Barral, Groupe Atlantic	Marcelo Nico, Tabaqueira	Rita Pereira, Frulact
António Donato, Tecnimede	Gonçalo Lobo Xavier, APED	Margarida Blattmann, Wamos	Roberta Medina, Rock In Rio
António Gonçalves, Hotéis Real	Gonçalo Rebelo Almeida, Grupo Vila Galé	Maria da Glória Ribeiro, AMROP	Rodrigo Simões de Almeida, Mercer
António Henriques, CH Consulting	Gustavo M. Guimarães	Maria João Oliveira, Wavemaker	Rogério Campos Henriques, Fidelidade
António Lagartixo, Deloitte	Helena Martins, Intermarché	Maria Sales Luís, Multicare	Rogério Carapuça, APDC
António Loureiro, Travelport	Inês Lima, McDonald's	Mariana Carvalho, Haleon	Rosa Costa, Turismo dos Açores
António Portela, BIAL	Inês Simões, Ageas	Marília Santos, VW/SIVA	Rui Borges, GrandVision
António Ramalho	Isabel Barata, EDA	Mário Ferrari, MSD	Rui Cabrita, EDP
António Saraiva, Cruz	Isabel Barros, SONAE MC	Mário Ferreira, PG Hotels	Rui Coutinho, Porto Business School
Vermelha Portuguesa	Isabel Brito, KPMG	Massimo Senatore, BMW	Rui Lopes Ferreira, Super Bock Group
António Valério, Multipessoal	Isabel Reis, Dell	Miguel Almeida, NOS	Rui Miguel Nabeiro, Delta Cafés
Arlindo Oliveira, INESC	Isabel Ucha, Euronext	Miguel Farinha, EY	Rui Minhos, Tabaqueira
Bernardo Correa de Barros, Visit Cascais	Isabel Vaz, Luz Saúde	Miguel Stilwell de Andrade, EDP	Rui Paiva, We Do
Bernardo Correia, Google	Joana Santos Silva, ISEG	Moez Sacoar, Sacoar Brothers Group	Rui Pedro Almeida, Moneris
Bernardo Rodo, OMD	João Almeida Lopes, Medinfar	Mónica Camacho, Seat	Rui Piteira, Tabaqueira
Bruno Almeida, MediaCom	João Bento, CTT	Nassrin Majid,	Rui Santos, Almirall
Carla Marques, Intelcia	João Diogo, Galp	Nelson Machado, Ocidental	Rui Sousa, Católica Porto School of Business and Economics
Carla Maximino, Hotel Mundial	João Duque, ISEG	Nelson Pires, Jaba Recordati	Ruth Breitenfeld, Cepsa
Carla Rebelo, Randstad	João Epifânio, Altice	Nicolau Santos, RTP	Salomão Kolinski, Tempus
Carlos Álvares, BNU Macau	João Machado, Pestana Hotels & Resorts	Niels Kowollik, Mercedes	Salvador da Cunha, Lift
Carlos Freire, AON	João Matoso Henriques, SDG	Nuno Fernandes, IESE	Samuel Godinho, Carat
Carlos Lacerda, SAP	João Mello Franco, Banco CTT	Nuno Ferreira Morgado, PLMJ	Sandra Alvarez Batista, PHD Media
Carlos Nogueira, Europartners	João Paulo Velez, Câmara Municipal de Lisboa	Nuno Ferreira Pires, Sport TV	Sara Marote, Turismo da Madeira
Carlos Oliveira, Mirol	João Pinto, Católica Porto School of Business and Economics	Nuno Mendonça, Audi	Silvia Barata, BP
Carlos Ribas, Bosch	João Pinto Coelho, Quinta da Marinha	Nuno Moreira da Cruz, Católica Lisbon	Sofia Salgado Pinto, Católica Porto School of Business and Economics
Carlos Vieira, Católica Porto School of Business and Economics	João Sousa, CTT	Nuno Oliveira, VIA Outlets	Sofia Tenreiro, Deloitte
Cátia Martins, L'Oréal	João Valentim, AESE	Central de Cervejas	Solange Moreira, Ukino Hotels
Céline Abecassis-Moedas, Católica Lisbon	João Vieira Lopes, CCP	Patrícia Mestre, Microsoft	Steven Braekveldt, Ageas
Clara Raposo, ISEG	Joaquim Cabaço, Trivalor	Patrícia Teixeira Lopes, Porto Business School	Sunamita Cohen, Porto Business School
Cristina Rodrigues, Capgemini	Jorge Magalhães Correia, Fidelidade	Paula Cordeiro, Santander	Teresa Abecasis, Iberis Capital
Cristina Siza Vieira, AHP	Jorge Pisco, CPPME	Paulo Campos Costa, Fundação Luso-Brasileira	Teresa Brantuas, Allianz
Daniel Bessa, Porto Business School	Jorge Rebelo de Almeida, Vila Galé Hotéis	Paulo Carmona	Teresa Oliveira, Mindshare
Daniel Redondo, Licor Beirão	José Borralho, Consumer Choice	Paulo Dias Pereira, Bankinter	Thomas Marra, GI GROUP
Daniel Sá, Universidade Europeia	José Correia, HP Enterprise	Paulo Macedo, CGD	Tiago Guerra, Tecnico +
Daniel Traça, Nova SBE	José Crespo de Carvalho, ISCTE/INDEG	Paulo Magro da Luz, Egor	Tiago Oom, Unicre
David Arie, Perfumes & Companhia	José Esteves, Porto Business School	Paulo Monge, Sana Hotels	Tiago Vidal, Llorente & Cuenca
David Fernandes Quito, Emirates	José F. Gonçalves, Accenture	Paulo Pereira da Silva, Renova	Timóteo Gonçalves, B the travel brand
Dennis Teixeira, HP Enterprise	José Galamba de Oliveira, APS	Paulo Ramada, AP Hotels & Resorts	Tomás Jervell, Nors
Diogo Alarcão, ASF	José Gomes, Ageas	Paulo Teixeira, Pfizer	Vasco Antunes Pereira, Lusíadas Saúde
Diogo Sousa, Galp	José Leal de Araújo, Trivalor	Paulo Tomé, Novobanco	Vasco Falcão, Konica Minolta
Duarte Guedes, Hertz	José Manuel Oliveira, Marktest	Pedro Amorim, Experis	Vera Pinto Pereira, EDP
Duarte Pinto, SUMOL+COMPAL	José Pedro Dias Pinheiro, Grupo M		Vitor Ribeirinho, KPMG